

#68 Dharma Tolo Dudjom Lingpa 4 – RI 2020

Lama Padma Samten

<Bacupari, 22/08 a 30/08>

Transcrição e revisão: Mônica Kaseker 22/06/2023 a 25/06/2023

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #68

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo e-mail repositorio.transcricoes@gmail.com.

O testamento de Dudjom Lingpa

O resumo da visão e das instruções piedosas. O Testamento de Dudjom Lingpa. Esses títulos não estão no original, mas eu olhei com muito cuidado as estruturas que estão dentro das argumentações e coloquei subtítulos. Eles não estão no texto original, mas estão lá entre parênteses, apenas para nos ajudar a entender melhor o que estamos tratando em cada parte. Porque ele segue uma argumentação e de repente aquilo vira uma outra coisa e às vezes não entendemos o que está acontecendo. Então analisamos cada bloco de raciocínio do texto e vimos o que está em cada bloco. E assim introduzi isso e fui colocando números também para facilitar a compreensão. Aqui eu coloquei esse título: O resumo da visão e instruções piedosas - O Testamento de Dudjom Lingpa. Ele vai falar sobre ele mesmo.

Não tendo entrado no tesouro da audição e reflexão e não tendo servido mesmo a um único mentor espiritual sublime, não tenho habilidade em composição assim, por favor, não fique desalentado comigo.

Ele vai falar em versos agora. Ele sempre se coloca numa posição inferior. *Não tendo entrado no tesouro da audição e reflexão*, que é o que nós fazemos, ouvimos os ensinamentos e contemplamos linha a linha. Dudjom Lingpa não fez isso. Ele diz que não fez. Eu não sei (risos). Ele vai dizer que o que ele fez é como se nem tivesse entrado. Aquilo é muito pouca coisa. Então ele vai dizer que viu direto pelas experiências visionárias, extraordinárias. Eu acho que essa parte é muito desafiadora, muito extraordinária, muito maravilhosa. E ela também não é mística, ainda que o formato seja todo místico. Quando vamos estudar como o lama Allan Wallace trouxe para nós, como Chagdud Rinpoche também trouxe para nós, traduziu cuidadosamente esses textos de Dudjom Lingpa. Eles são super eruditos, super profundos, mas quando Dudjom Lingpa vai falar, ele fala como se ele tivesse ouvindo de algum mestre. O mestre apareceu e falou para ele. Parece muito extraordinário. Ele encontra Chenrezig e Chenrezig fala tudo para ele. Ele encontra um por um dos grandes mestres e o grande mestre fala tudo para ele sobre aquele ponto. Muitos dos ensinamentos que ouvimos do Alan Wallace são comentados nessa estrutura. Ele não está ali porque o Buda disse isso, ou porque Guru Rinpoche disse aquilo, ou Longchenpa, Manjushri, Vairocana... Ele não está olhando nada disso, não está citando isso. Ele cita um encontro que ele teve com as deidades. Se vocês olharem, se vocês escrutinarem com cuidado as palavras, vocês vão ver que ele também não reifica aquelas deidades. Na verdade, ele está olhando em sonho as regiões dos ensinamentos correspondentes. E aí ele clarifica aquilo totalmente desde o aspecto primordial. Ele tem as dúvidas e ele formula aquelas dúvidas e, do aspecto primordial, ele vê como é que as coisas são e, assim, e ele propõe aquilo quase numa linguagem teatral, com as várias deidades.

Agora, se pensarmos que aquilo é uma linguagem teatral, não é. Porque aquilo é realmente a deidade, no sentido que a deidade não é um ser, a deidade é aquela lucidez. Exatamente assim. Quando a lucidez clarifica aquilo, aquilo é a deidade clara no aspecto sutil falando, completamente densa, completamente nítida, totalmente existente, totalmente manifesta. Não é assim alguma coisa enlouquecida. Não, aquilo é o acesso verdadeiro, completo à deidade. O que às vezes nos perturba é que a gente queria dizer que a deidade seria um aspecto grosseiro, individual, separativo em algum lugar. Mas não, a deidade é a lucidez correspondente a aspectos específicos. E a lucidez não é um livro em algum lugar, é uma clareza da natureza primordial, focando aspectos específicos. Então aquilo surge como aquela deidade.

Quando Dudjom Lingpa pergunta sobre coisas específicas, de um certo tipo, a lucidez que brota dentro dele é a lucidez da deidade que rege aquilo. Mas, ao mesmo tempo, é a lucidez da deidade, é a deidade, mas é Samantabhadra, é o Buda Primordial que aparece e bota uma outra máscara: “agora eu sou Chenrezig, agora eu sou Manjushri. Porque parece que é Manjushri, parece que é Chenrezig, mas é Samantabhadra. E Samantabhadra não tem rosto. Samantabhadra é a não dualidade incessantemente manifesta em todas as aparências, em todas as deidades. Aí ele vai dizer:

Não tendo entrado no tesouro da audição e reflexão.

E quando nós olhamos assim: o tesouro da audição e reflexão é muito pequeno. É pouca coisa, claro! O que é muito mais do que isso? É perguntar para o aspecto absoluto. Eu não estou perguntando para os textos, tentando memorizar, tentando acessar o que alguém acessou. Eu estou perguntando para a natureza última: E aí? Da natureza última, vem a clareza. E isso é muito mais profundo do que entrar no tesouro de audição e reflexão.

Não tendo servido mesmo a um único mentor espiritual sublime.

Quando ele coloca assim, ele se coloca abaixo. No entanto, quando ele se coloca assim, ele diz: eu recebi a herança direta dos sublimes mentores, que são os Budas. Ele acessa a mente do Buda. Ele está totalmente inseparável. Não tinha sentido eu servi-los, como se nós fôssemos separados. Eu estive próximo, inseparável, manifestei isso. *Eu não sou hábil em composição.* Perfeito, ele não tem que ser hábil em composição. Ele tem que dizer o que é. Assim, não se desalente comigo. *Não fique desalentado comigo.*

Eu acho que essas observações são de grande importância, porque elas designam o que é Dudjom Lingpa, o que é um Terton. Ele está descrevendo. Terton é isso. Terton vê direto. Ele é um Terton. O que significa isso também? Ele desaparece enquanto pessoa. Ele é um Nirmanakaya. Ele é uma expressão completa de Guru Rinpoche, ele é inseparável de Guru Rinpoche. Porque a mente que ele está operando é a mente de Guru Rinpoche. Vocês imaginem assim: o Buda ou o Guru Rinpoche, eles acessam direto, eles não acessam por estudo, audição e reflexão.

Tendo dito aquilo, agora ele começa a falar:

Ei, ei! No espaço absoluto originalmente puro, livre dos extremos

Livre dos extremos de existência e não existência, portanto, livre da dualidade. Se nós, por exemplo, apontarmos o espaço e direcionarmos a nossa mão para o espaço, pronto, esse não é. Esse é um espaço que está lá e nós estamos aqui. Esse espaço existe, nós temos uma sensação de existência. Esse é o espaço absoluto agora, o espaço absoluto, originalmente puro, livre de extremos.

Na aparência do palácio da clara luz espontaneamente manifesto, da natureza não dual de êxtase e vacuidade, a corporificação sem princípio da lucidez prístina.

Ou seja, a lucidez prístina que não tem origem. Ela não tem um ponto de onde então ela surge. Isso é Lhundrup. Naturalmente expressa, expressa em si mesma. Essa corporificação sem princípio da lucidez prístina: Prajna, Rigpa. Ele vai chamar essa natureza não dual de êxtase e

vacuidade, corporificação sem princípio da lucidez prístina, ele chama de Padmasambhava e Prahevajra. Aqui deveríamos olhar com muito, muito cuidado, guardar isso na nossa mente, porque essa é a descrição mais profunda do que seja Padmasambhava, do que seja Guru Rinpoche. Ele diz Padmasambhava e Prahevajra. Prahevajra é Garab Dorje que é o guru que surge trazendo os ensinamentos Dzochen. Eles não são projetados mentalmente. Esse é também um comentário em relação às práticas Vajrayana com sinais, nos quais a gente faz: (um gesto) *Hum! No espaço na minha frente*. Aí aparece a deidade ou eu construo a visualização da deidade, como, por exemplo, *o azul negro escuro*. Eu vou descrever o Buda da Medicina, descrevo o corpo. Tem uma deidade que é surgida, eu projeto mentalmente. Padmasambhava e Prahevajra não são projetados mentalmente. Eles são a própria face da natureza da existência. É o aspecto não dual, inseparavelmente presente.

Padmasambhava e Prahevajra, colocados assim, estão incessantemente presentes. Não importa qual aparência que seja, eles estão incessantemente presentes e livres das aparências, livres das circunstâncias das aparências. Eles são o grande oceano de onde as aparências surgem e cessam. E as aparências são esse grande oceano, mesmo que elas se pensem separadas.

Padmasambhava e Prahevajra não são projetados mentalmente, mas são a face da própria natureza da existência. De um estado sem esforço, eu naturalmente os encontro.

Não são projetados mentalmente, são a própria face da natureza da existência. De um estado sem esforço, ou seja, uma abertura Zantal. *Eu naturalmente os encontro*. Ele encontra não como algo: agora eu encontrei! Ele vê aquilo como um encontro que sempre existiu. Mas quando essa lucidez surge, ele diz:

Eu recebo a herança do tesouro da vastidão da realidade última.

Porque quando ele tem essa abertura, ele encontra *Padmasambhava e Prahevajra* e a lucidez última está presente e esse é o tesouro da vastidão da realidade última. Ele considera isso a herança, a transmissão que ele recebe de Guru Rinpoche e *Prahevajra*.

Não confunda essas instruções práticas com canções fantásticas dos mercados públicos. Não se arruíne rebaixando os outros

As pessoas já ouviram isso e já pensaram: ah, tá, está tudo bem, estamos iluminados. Mas ele diz:

Não se arruíne rebaixando os outros. A vida humana é como um sol derretendo ao escurecer ou o sol se derretendo no horizonte. Assim a vida humana. Assim, não faça ações confusas que arruinem em você os outros. A proliferação de atos de erudição acadêmica envolvendo listas e cálculos é o bordo do orgulho, arrogância e visões falsas.

Esse ponto aqui é interessante. Vocês vão ver o mestre Dogen dizendo a mesma coisa. Que não tem listas, não tem cestas, não tem classificações.

Seja porque o atingir da liberação ocorra em seu próprio fluxo mental, ou porque a raiz de todos os dharmas provenha de seu próprio fluxo mental. Após você amadurecer espiritualmente, é claro que isso beneficiará os outros também.

Aqui é um diálogo com a abordagem Mahayana, que é interessante porque ele se aproxima da posição da posição do caminho do ouvinte também. Porque quando os praticantes do caminho do ouvinte ou, por exemplo, os bicos estão contemplando, fazendo esforços, tentando entender as coisas, são criticados. Por que você não se levanta e vai ajudar os outros seres? Eles poderiam dizer:

Quando eu amadurecer espiritualmente, é claro que isso vai beneficiar os outros também.

Eles dizem isso, e esse eu ouvi deles. Aí eles poderiam seguir também dizendo:

Uma vez tendo investigado nosso próprio fluxo de mentais tolos, nós não temos esperança que nossas gotas d'água possam aliviar os outros. Se observarmos os cinco venenos, os apegos e aversões de nossos próprios fluxos mentais, não esperamos que nosso conjunto de toxinas venha a se constituir em medicamentos nutritivos para proteger os outros.

É como se fosse um argumento do caminho do ouvinte. Claramente. Por que nós vamos colocar nossa prática e a realização antes? Porque esse é o ponto essencial. Mas isso não é porque nós rejeitamos a compaixão. Não é isso, é a própria compaixão. Isso também é a purificação na motivação Mahayana, que é atingir a realização e trazer benefícios aos outros seres.

Ei Ei

se você repousar sem modificação na lucidez pristina auto emergente.

Eu queria, antes de passar aqui, eu queria, dentro de uma estrutura que nós estamos olhando, eu puxaria uma setinha para o lado para fazer surgir o Instituto Caminho do Meio. Porquê? Por que nós vamos fazer outras coisas? Porque a maior parte das pessoas, quando se aproximam do Dharma, elas estão envolvidas em ações no mundo que elas não conseguem interromper. Eu não vou aqui analisar se é por carma, mas nós podemos tomar a motivação Mahayana e fazer ações melhores, já que nós estamos envolvidos em ações no mundo, nós podemos fazer ações melhores. Essas ações melhores podem construir visões de Terra Pura, que são lugares melhores de andar do que o Samsara básico. Se nós, pelo poder da luminosidade da mente, construímos ambientes mais favoráveis, todos os praticantes são beneficiados por aquilo. Em vez de nós praticarmos as ações usuais das bolhas de realidade, a partir da nossa própria prática, nós construímos realidades melhores. Assim, nós não só treinamos, mas nós constituímos realidades melhores, que não são ainda mandalas, mas elas já são Terras Puras. Elas são lugares melhores.

Por exemplo, a gente constrói essa sala onde nós podemos praticar. Isso é uma boa coisa. Nós construímos os centros de prática e aprendemos como que as comunidades podem viver e como que a gente pode beneficiar os seres aqui e ali. Esses ambientes, eles são melhores porque eles servem de base para todos andarem e serem catapultados adiante. Essa é uma forma, em que vamos vai dizer: com minhas toxinas, eu não consigo ajudar os outros, mas em vez de ficar trabalhando com toxinas, eu construo a partir de uma motivação benéfica, e meios hábeis comuns do mundo, eu construo lugares melhores para mim e para os outros, onde a gente pode andar mais rápido, focando nos aspectos de lucidez. Assim, nós também treinamos os aspectos de rigidez, enquanto nós começamos a nos mover dentro de uma visão de Terra Pura, nós temos as frustrações, que vêm das esperanças e medos, nós entendemos melhor as Quatro Nobres Verdades e vamos adiante, já num ambiente melhor.

Dudjom Lingpa vai dizer:

Se observarmos os cinco venenos, os apegos, aversões, os nossos próprios fluxos mentais, não esperamos que nosso conjunto de toxinas venha se constituir em medicamentos nutritivos para proteger os outros.

Eu acho que o ponto principal aqui é que a gente deveria operar o mínimo dentro desse ambiente de toxinas e bolhas de realidade comuns. A gente deveria evitar isso.

Se você repousar sem modificação na lucidez pristina auto emergente, o criador de Samsara e Nirvana é liberado por esse único modo.

Vocês olhem isso como Zantal, como a instrução de Dudjom Rinpoche em A Iluminação da Sabedoria Primordial. Repousem. Eu incluiria aqui Anapanasati e Satipatthana.

Eu queria comentar brevemente essa meditação sobre a respiração. Nós podemos pensar que esse é o aspecto grosseiro do ar entrando e saindo. Mas nós podemos praticar nesse bordo: Nós abrimos (respirando). E nós temos essa visão de abertura Zantal. Agora nós contemplamos o Samsara surgindo, as bolhas surgindo, as identidades surgindo, todas as marcas mentais, Alaya

Vijnana inteiro se manifestando no fato de que nós seguimos eretos, respirando. Nós temos o Samsara aqui, na nossa própria respiração.

Nós podemos contemplar o Samsara a partir dessa experiência direta que nós temos. Nós podemos começar o Anapanasati desenvolvendo a plena atenção da respiração. É importante que não consideremos que a respiração, a posição ereta, a compreensão e as sensações que brotam disso sejam eu mesmo. O eu mesmo é e essa abertura incessantemente presente desde sempre. Agora nós contemplamos a experiência ilusória de manifestar a consciência por dentro dos impulsos que brotam do corpo e da respiração.

Ei ei

*se você repousar sem modificações na lucidez prístina, auto emergente,
o criador de Samsara e Nirvana é liberado por esse único modo.
Não busque a raiz das instruções práticas em outro lugar.
E abandone toda a esperança de atingir ou adquirir resultados.*

Ou seja: Abandone esperança e medo. Abandone o foco numa identidade, em alguém que vai chegar a algum lugar.

Se investigar o processo causal dessa e das vidas futuras e da vida e dos dias e noites, verá que são experiências delusivas, de pensamentos dualísticos.

A gente poderia dizer encadeados, sucessivos.

Assim, revele a falácia da aparência de liberdade, da propensividade habitual.

A falácia da aparência de liberdade, ou seja, o engano da aparência de liberdade que vem com o simplesmente seguir os impulsos que vierem. Porque as pessoas que estão no Samsara, elas têm essencialmente isso. Elas sentem que liberdade é seguir o impulso.

Vocês vão ver na ideologia que nós estamos vivendo hoje, a gente pode avaliar o nível de obscuridade mental que nós estamos imersos. Aí vem Amartya Sen, que é considerado um liberal benigno, pacífico, e ele vai dizer que a liberdade é a nossa possibilidade de se movimentar dentro do processo econômico. Ele é a base da ideologia que vai trazer os shoppings e a cultura consumista em todas as partes do mundo, como o exercício da liberdade natural dos seres. A liberdade natural dos seres virou liberdade econômica. A liberdade econômica, em que não é nem avaliado se o planeta suporta isso que nós consideramos liberdade econômica. Quando isso se torna preponderante, citado, relevante, isso demonstra a idade de obscuridade mental a qual nós estamos submetidos.

Assim, revele a falácia da aparência de liberdade, da propensividade que brota do hábito e da fixação em seguir essa propensividade.

Nós temos que pegar isso e colar em todos os shoppings, em todos os cartazes, em todas as coisas, por todo lado.

De um modo profundo e decisivo, descortine a importância de ouvir e refletir.

Olhar como um bico, como alguém que olha aquilo, como aquilo mesmo.

*De um modo profundo e decisivo, descortine a importância de ouvir e refletir.
Seja cético com relação a meditações limitadas.*

O que seria uma meditação limitada? Nós somos convidados a ficar presos em algum tipo de estado mental.

Seja cético com respeito a meditações limitadas, onde pensamentos discursivos sejam bem vindos e seguidos. Não seja como alguns contemplativos patéticos que ficam fixados em alguma coisa

limitada, onde a face da natureza da existência, o sol da grande perfeição (que é a abertura), está oculto pelas nuvens dos desvios e obscuridades da fixação dualística.

Que é apresentada então como a realização. E não o sol da abertura, mas a fixação a alguma coisa é apresentada como a solução.

Quando eu observo as múltiplas flutuações de pensamentos que são tomadas como realidades, eu tenho uma explosão de riso pela esperança da grande perfeição neles.

É como se as pessoas tivessem a esperança de que a Grande Perfeição fosse uma multiplicidade de ideias que elas têm.

Ei,ei

Não procure Budas autônomos

Sutra do diamante, já olhamos isso.

Não procure Budas autônomos. Além da natureza essencial, sem bordos da base primordial, originalmente pura.

Que poderíamos dizer: sem conteúdo. O que é que o Buda encontrou quando atingiu a liberação? Como ele mesmo disse, não encontrou coisa alguma. Ele encontrou essa pureza primordial, ou seja, que não tem conteúdo. Se ele tivesse encontrado um conteúdo, aquilo não seria a pureza. Ele não seria um Buda.

Todas as aparências falsas das experiências delusivas, externas e internas do mundo físico e seus habitantes sencientes, (tudo) estão inteiramente presentes na vastidão da natureza essencial.

Inseparáveis desse espaço livre. De onde, então, uma aparente dualidade produz essas aparências. Digo aparente dualidade porque a dualidade não é real. A realidade é a não dualidade.

Isso é a nossa grande perfeição. No âmbito totalmente pervasivo, que penetra tudo, imutável, de êxtase e vacuidade.

E, de novo, a gente vem para Zantál, abertura não dual.

Do âmbito totalmente pervasivo e imutável de êxtase e vacuidade, surge a totalidade das aparências da expansão vasta e totalmente abrangente, onde o sol da clara luz eleva-se sem se pôr.

Quando essa realização vem, você vê o sol da clara luz presente. Esse sol da clara luz não é um sol que surja e cesse.

O sol da clara luz eleva-se sem se pôr.

Aqui é interessante ver **Bocusan** descrevendo a luz que não tem cor. A luz incessantemente presente, que não tem cor. Agora ele vai falar dele mesmo. Essa parte é como se fosse um testemunho dele mesmo. Ele concluiu a visão. Ele concluiu a clareza da realização. Agora ele diz:

No interior de uma fortaleza invulnerável.

Ele vai considerar essa visão que é incessantemente presente e não precisa de esforço para ser sustentada, não é um estado particular da mente, mas a realidade tal como ela é.

No interior de uma fortaleza invulnerável, um palácio espontaneamente surgido, esse homem velho e inútil.

No caso, ele.

Corporificação da consciência prístina da realidade última.

Ele se coloca como Nirmanakaya, corporificação da consciência prístina da realidade última.

Esse homem velho inútil mantém sua própria base em um trono inabalável.

Esse trono não pode ser abalado, porque ele não é construído

Um trono inabalável de meios hábeis e sabedoria inseparáveis, que repousa sobre os corpos sem vida das aflições mentais.

As aflições mentais, agora sem vida, elas estão sem vida pela própria Sabedoria Primordial que olha para elas. Mas quando as aflições mentais perderam a vida, o princípio ativo das aflições mentais se torna os meios hábeis pelos quais ele produz benefício para os seres. A contemplação das aflições mentais, desde a visão última, produz os meios hábeis.

Isso é como se a gente estivesse descrevendo: o Buda faz a prática dos Budas, que é olhar para os dharmas e transformar em Dharmas. Esse é o princípio todo. Os dharmas brotam das próprias coisas contempladas.

Esse homem velho é inútil.

Esse aspecto inútil é importante porque se houver uma direção e uma esperança, então parece que tem uma utilidade. Mas aqui ele é inútil, porque a ação dele não é através de uma intenção. Ela é simplesmente pela clarificação das coisas como são. E aí estão os meios hábeis.

Eu não entendo pelas explicações, nem realizo pelos ensinamentos.

Ele não guardou na memória as explicações e os ensinamentos. Não é por aí. Ele não tem isso guardado em algum lugar e vai lá e pega. *Meu professor é o Vajra Nascido no Lótus.* Ele acessa diretamente esse espaço livre, de onde Rigpa explica tudo, manifesta tudo.

Meu professor é o Vajra Nascido no Lótus, que me ofertou o tesouro acalentado da herança, da linhagem, da visão iluminada.

Ele pratica a visão iluminada. Se ele sentar para praticar, ele senta como um Buda. Ele não pratica meditação, pratica a iluminação. Essa é a própria descrição do Mestre Dogen.

Meu professor é o Vajra Nascido no Lótus, que me ofertou o tesouro acalentado da herança, da linhagem, da visão iluminada, que não tem apresentação, nem listas de bases e caminhos. Eu tomo a natureza essencial como o caminho. Esse é meu Dharma patrilineal. Eu não estou preso pela reificação de visualizações,

Ou seja, pela glorificação, pela fixação a visualizações, recitações, adoração e realização.

Aqui ele está descrevendo, ele está ajudando as pessoas que vêm pelo caminho Vajrayana com sinais, porque elas fazem as visualizações, as recitações, a adoração e realização.

Pois meu caminho é o da não meditação, não adoração e não realização. Minha própria base, transcendendo o intelecto, é infinita, sem limites, sem antídotos, modificações, alterações ou imputações intelectuais.

Não é que ele localiza alguma coisa e combate aquilo, isso seriam os antídotos. Não é pelas modificações de olhar para alguma coisa e dizer: mas isso, enfim, é uma outra coisa. Não é pelas alterações, pela compreensão profunda de alguma coisa, então aquilo não é isso, é uma outra coisa. Ou imputações. Também não é assim: agora olhamos assim.

Na minha própria base, transcendendo o intelecto, é infinita, sem limites, não contaminada por qualquer coisa a observar, manter ou investigar.

Que seria o que nós, de um modo geral, buscamos: lembrar e se fixar em alguma coisa, treinar muitas vezes para ter aquilo presente. O que é que ele diz?

Tendo liberado na amplidão, não estruturada, sem fabricações ou objeto de referência, na yoga da inatividade,

Por que praticar? Não tem nada para praticar.

transcendendo bem e mal,

Agora eu vou ficar contemplando, vou escolher o que é bom e o que é mau. Não, eu estou curando o bem, curando o mal.

Tendo liberado na amplidão não estruturada, sem fabricações ou objeto de referência na yoga da inatividade, transcendendo bem e mal, esperança e medo, rejeição e aceitação, surge a claridade totalmente aberta, sem nada a fazer.

Eu vou fazer um comentário bem breve. *Surge a claridade totalmente aberta.* Pode ser que para nós ainda fique um aspecto dual. Essa claridade totalmente aberta ganha um significado na conexão com as aparências. Quando eu retiro as aparências, eu tenho então uma claridade totalmente aberta. Eu tenho uma dualidade entre essa claridade totalmente aberta e as aparências. Precisaríamos ter uma clareza que essa claridade é totalmente aberta inclui todas as aparências e as aparências não obstaculizam a claridade totalmente aberta. Nem o conteúdo das aparências é verdadeiramente fixo. Ele manifesta a claridade totalmente aberta quando ele surge e as próprias aparências não restringem a claridade totalmente aberta. Elas parecem restringir quando nós não estamos operando na claridade totalmente aberta, nós estamos operando a partir referenciais. Parece que isso restringe. Quando a gente olha a claridade totalmente aberta é super importante que a gente entenda que as aparências todas não são obstáculo para a claridade totalmente aberta. Elas são o exemplo, são parte da apresentação da claridade totalmente aberta.

Os mundos inteiros que as aparências podem incluir, até o final do final, eles são uma secção da claridade totalmente aberta. O mundo inteiro é uma parte da manifestação da claridade totalmente aberta, é uma parte.

Surge a claridade totalmente aberta, sem nada a fazer. Na expansão auto emergente da consciência primordial, originalmente presente, ao transformar-se na natureza não modificável da liberação sem esforço,

Por que é sem esforço? Nada a fazer. Simplesmente, a clareza.

os nós da fixação dualística, eles se desamarraram, são dissolvidos diretamente

Uma imagem que é usada aqui é como uma cobra que se desenrola. A cobra está em um nó nela mesma, mas o nó se desfaz. Repousando assim, quando as aparências surgem, quando a gente vê que as aparências são a expressão da própria liberdade é porque as aparências se dissolveram enquanto nós. Não como identidade, mas como um nó mesmo.

Os nós da fixação dualística são dissolvidos diretamente. Uma vez que Samsara em Nirvana foram purificados como o Dharmakaya

Ou seja, tudo o que eu puder ver em qualquer direção é a expressão da própria abertura infinita: Dharmakaya.

Uma vez que Samsara e Nirvana foram purificados como o Dharmakaya.

Mas quando isso acontece, isso não quer dizer que as aparências cessam. Se as aparências cessarem tem um defeito. É como se a gente estivesse olhando para as aparências como um obstáculo. Elas são o ornamento da própria liberdade. Eles foram purificados.

Os vínculos ao Samsara e Nirvana foram cortados do meu coração.

Isso significa que as aparências perdem a capacidade de restringir a grande abertura, que parecia que elas restringiam.

Uma vez que a escuridão e a perda de lucidez desapareceram na lucidez vazia, a estaca do apego e fixação foi arrancada desde sua base.

Aí cessou a ignorância.

No ventre da abertura desimpedida,

Que é a prática da Grande Perfeição.

No ventre da abertura desimpedida, a natureza essencial de não objetividade destruiu e expeliu a identificação com esperanças e medos, alegrias e tristezas.

Aqui é como se fosse a explicação final daquele problema que ele teve quando ele ouviu os ruídos, os sons dos animais.

No ventre da abertura desimpedida, sem esperanças e medos.

Agora não é assim: ele agora, na natureza, está sem esperança e medo. A abertura desimpedida está além da identificação com o corpo físico dele. Se não houver isso, é como se a abertura desimpedida substituísse, como um estado particular de mente, alguma coisa. Toda a experiência que ocorrer é algo que está dentro da abertura desimpedida. Mas não é uma mente que escolhe uma coisa e rejeita a outra.

No ventre da abertura desimpedida, a natureza essencial de não objetividade, destruiu e expeliu a identificação com esperanças e medos, alegrias e tristezas.

Esse ponto é super importante. Precisaríamos sentar novamente, começar com a respiração, com essa identificação de esperança e medo que surge na própria respiração. Se a gente se ver com dificuldade de respirar, esperança e medo brotam de forma assombrosa. Se nós não ultrapassarmos essa identificação, desse modo, que é uma identificação na base contaminada, nós não estamos verdadeiramente nessa abertura desimpedida.

No espaço absoluto da vacuidade, a sabedoria da ausência de identidade.

Como é a sabedoria da ausência de identidade? É simplesmente a não operação com a identificação com aspectos particulares que dão a sensação de identidade, seja isso sutil ou grosseiro. Por exemplo, se a gente retornar a própria instrução que ele deu, não olhar o corpo, sensações, etc. Olhar as partes do corpo. Isso é completamente essencial. Nós temos que fazer essa abertura e contemplar isso. Se não ultrapassarmos esse ponto, nós estamos ainda presos à identificação com esperanças e medos, alegrias e tristezas e presos na sensação de identidade.

No espaço absoluto da vacuidade, a sabedoria da ausência de identidade destruiu e expeliu as cadeias de auto fixação ao esquecimento

As cadeias de pensamento. Surge alguma coisa, tomo aquilo por base e dou origem a outro, tomo aquilo por base e assim por diante. Essas cadeias são cadeias da origem dependente.

destruiu e expeliu as cadeias de auto fixação ao esquecimento. Uma vez que a visão expansiva e iluminada de Samantabhadra,

que brota dessa abertura não dual, não intelectual, não discursiva,

se projeta sem esforço,

Ela alcança. Como é que a gente vai ver que isso se projeta sem esforço? A própria visão. Não tem um raciocínio, nem uma descrição. Ela se projeta sem esforço. Uma vez que isso opera sem esforço claro,

eu salto para o estado de um vidyādhara espontaneamente manifesto

Ele é um detentor de vidya. Ele está além de avidya. Ele saltou para fora das cadeias de auto fixação da originação dependente. Ele está fora da operação da origem de todo o sofrimento, dos 12 elos da originação dependente e dessa operação. Ele está fora disso. Uma vez que a visão expansiva iluminada de Samantabhadra vê tudo como manifestação dessa abertura luminosa em todas as direções e essa multiplicidade de manifestações não obstaculiza a própria visão ampla, ele salta ao estado de um *vidyādhara* espontaneamente manifesto.

Aqui também é uma definição preciosa. Esse texto, da própria mente de Guru Rinpoche, da mente de *Prahevajra*, descreve o que é Guru Rinpoche, o que é *Prahevajra* e descreve o que é um *vidyādhara*, que, enfim, é uma mente inseparável do próprio Guru Rinpoche. Aqui é como se ele tivesse falando dele. Ele está se despedindo.

Possam todos os seres, por todo espaço que vejam, ouçam, lembrem ou toquem em mim.

Ele poderia fazer: e aí Subhūti? Quando eu digo seres por todo espaço, que me vejam, ouçam, lembrem ou toquem em mim, eu estou realmente falando em seres por todo o espaço? Eu estou dando solidez aos seres, ao espaço a ver, ouvir, lembrar e tocar em mim? O que Subhuti vai dizer? Não, abençoado, você está usando só as palavras como palavras.

Portanto, todos os seres, por todo o espaço, que vejam, ouçam, lembrem ou toquem em mim, possam encontrar sua natureza essencial como kaia

ou seja, como corpos

auto emergentes da lucidez prístina.

Inseparáveis, possam se dissolver na natureza essencial. Possam se reconhecer, como sempre foram, inseparáveis e expressão da natureza essencial. Como kayas, os corpos: Sambhogakaya, Nirmanakaya, Dharmakaya.

Kaia auto emergentes, inseparáveis da lucidez prístina.

Aqui quando a gente diz que o Buda da Medicina oferece os kaia é isso. Os seres se reconhecem como expressão dos três Kaia.

Possam todos os seres, por todo o espaço, que vejam, ouçam, lembrem ou toquem em mim, encontrar sua natureza essencial como kaia auto emergentes da lucidez prístina e venham definitivamente para a vastidão de Samantabhadra.

Esse é o final do texto. Aqui estão as bênçãos dele.

Eu acho muito importante que, como um controle de qualidade, essa aspiração de Dudjom Lingpa surja para nós como uma sensação de morte e não de construção, ou no mínimo, de construção e de morte, no mínimo de realização luminosa, mas também de morte. Porque nós temos uma facilidade em nos prendermos em materialismo espiritual. Quando nós olhamos esse texto, parece que tem uma glorificação. Mas esse ponto é um ponto onde não tem identidade. Quando a gente pensa numa glorificação é como se tivéssemos atingido um ponto no qual temos uma super importância, onde tudo aquilo que brota como o que nós queremos ou não queremos se torna super importante. Esse é o aspecto do materialismo espiritual. A gente pode ter a tendência de colocar uma etiqueta dizendo: *vidyādhara*. Carregar o texto e dizer: eu tenho essa visão e sou um *vidyādhara*.

Precisamos olhar novamente o Sutra do Diamante. O anagamin não é um anagamin. Não há os budas, não há os Bodhisattvas Mahasattvas. Não há esses seres. Eles não estão presos à noção de uma identidade, outras identidades e identidades em conjunto, ou a uma alma universal. Eles não estão presos a isso. É muito importante que vejamos isso, que essa vastidão de Samantabhadra é a dissolução da noção das identidades. E só é possível desse modo. Caso contrário, as várias identidades, elas estão presas às cadeias de significados. A pessoa não está com essa visão, ela está com uma visão parcial.

Mas nós podemos tomar todos esses ensinamentos e fazer isso convergir para identidades e não para a morte. Quando nós entramos em um retiro é importante que a gente entenda que não estamos indo em direção à glorificação, nós estamos indo à superação dos focos que vão nos permitir a sustentação das identidades e da auto importância.

Nesse ponto é importante que Dudjom Lingpa tenha colocado isso como o *Dharma tolo de um idiota vestido em barro e penas*, para quebrar essa noção de uma identidade extraordinária. Ainda assim, eu acredito que alguns praticantes auto centrados podem dizer: eu descobri que eu também sou um idiota vestido de barro e penas. É capaz de alguém aparecer numa praça vestido de barro e penas e dizer: eu não sou nada. Nos hospitais, clínicas começa aparecer gente que diz: eu sou um idiota vestido de barro e penas, assim como já apareceram Napoleões, Budas, etc.

Aí vem o comentário final de Dudjom Rinpoche.